EDITORIAL

A presente revista é o sexto volume da já consagrada Revista Brasileira de Direito Internacional, que abrolhou no cenário jurídico pátrio, pela primeira vez, no primeiro semestre de 2005.

Este tomo é fruto do trabalho de dois anos somados do Núcleo de Estudos em Direito Internacional (NDI), programa de extensão da Universidade Federal do Paraná, no grupo de pesquisa *“Mania de ter fé na vida”: a condição feminina em sociedades opressoras*.

A temática dos direitos humanos das mulheres foi foco de diversos estudos e debates dos pesquisadores integrantes do NDI nos anos de 2006 e 2007, eis aqui seu fruto!

No primeiro ano, os estudos focaram-se à análise da condição feminina na cena contemporânea através das lentes literárias, tais quais: *Um Lugar Chamado Brick Lane*, de Mônica Ali; *As Boas Mulheres da China* e *Enterro Celestial*, ambos da autora Xinran; *Lendo Lolita em Teerã: uma memória nos livros*, de Azar Nafisi; *Minha Briga com o Islã*, de Irshad Manji; e, por fim, *Queimada Viva*, de Souad.

Excetuando *Um Lugar Chamado Brick Lane*, todas as demais obras são autobiográficas ou relatos de casos verídicos. São obras comoventes que revelam a inferiorização da condição feminina em sociedades opressoras.

Já no ano de 2007, a perspectiva literária conjugou-se com alguns estudos técnicos e teóricos para fortalecer ainda mais o arcabouço das discussões.

Nesse segundo momento foram objeto de análise as seguintes obras: *Mutilada*, de Khady; *Cicatrizes de Mulher*, de Sofia Branco; *Moema, se me deixassem falar*, de Moema Viezzer; *A Distância entre Nós*, de Thrity Umrigar; e *Mulheres de Olhos Grandes*; de Ángeles Mastretta. Além destas obras literárias, foram estudados também textos científicos de importantes marcos teóricos nesta seara, tais como: Norberto Bobbio, Flávia Piovesan, Boaventura Sousa Santos, Michael Freeman, Chandra Muzaffar e Bonny Ibhawoh, bem como relatórios de organismos internacionais, nomeadamente da Organização

das Nações Unidas (ONU), da Anistia Internacional e da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Ainda, no que tange à luta dos direitos humanos de gênero no sistema interamericano, foi analisado, de modo mais detido, o problema da violência doméstica contra as mulheres, bem como, a recente promulgação da Lei Maria da Penha – este diploma legal fruto imediato das discussões sobre o tema ocorridas junto à OEA.

Para além do profundo e comprometido estudo teórico levado a cabo no Núcleo de Estudos em Direito Internacional, o diferencial dessas reflexões que ora concretizam-se em mais um volume da Revista Brasileira de Direito Internacional é o recurso literário.

É justamente neste influxo que emerge a literatura nas ponderações deste Núcleo como uma dessas possibilidades de análise no campo dos direitos humanos, como emancipação destes frente à racionalidade jurídica tradicional.

Martha Nussbaum ratifica a possibilidade libertadora do recurso à literatura quando afirma que:

Pode haver algumas visões do mundo e de como nele se deveria viver – visões que, especialmente, enfatizam a sua surpreendente diversidade, sua complexidade e mistério, sua defeituosa e imperfeita beleza e que não podem ser completa e adequadamente colocadas na linguagem da prosa filosófica convencional, um estilo marcadamente monótono e carente em imaginação, mas somente em linguagem e formas mais complexas, mais alusivas e mais atentas ao específico.¹

Azar Nafisi, em *Lendo Lolita em Teerã*, igualmente buscou na análise literária recursos para entender o que se passava em sua vida e no Irã, à época da revolução islâmica. Para esta autora, ao ler um romance tem-se a possibilidade de se colocar no lugar do outro, pois a “empatia está no âmago do romance”. Portanto, para ela, “Um romance não é uma alegoria (...). É a experiência sensual de um outro mundo”.²

¹ NUSSBAUM, M. *Love's knowledge*. New York/ Oxford: Oxford University, 1990, p. 3.

² NAFISI, Azar; tradução de Tuca Magalhães. *Lendo Lolita em Teerã: uma memória nos livros*. São Paulo: A Girafa, 2004, p. 165.

Dessa forma, tendo em vista que o indivíduo possui várias facetas em sua personalidade, Azar Nafisi, insiste que “Somente por meio da literatura uma pessoa pode se colocar no lugar da outra, e compreender seus lados contraditórios e diferentes, e se abster de se tornar muito impiedosa”.³

Assim sendo, na visão multifacetada dos direitos humanos, o recurso à literatura, adotado pelos pesquisadores do NDI, foi fundamental para se entender melhor a diversidade do outro.

Nesta edição, portanto, inaugura-se uma nova seção da Revista dedicada a resenhas, em especial às obras literárias que fomentaram as discussões neste Grupo de Estudos.

Está aqui, portanto, plasmado o resultado das pesquisas do grupo “*Mania de ter fé na vida*”: a condição feminina em sociedades opressoras que, honrosamente, neste ano de 2007 a Professora Tatyana Friedrich nos convidou a coordenar.

Dedicamos, assim, à Professora Tatyana este volume com o agradecimento de todos, bem como a Fernandinha e ao Marcelinho com as nossas boas-vindas.

Melina Girardi Fachin Coordenadora do Grupo de Estudos “*Mania de ter fé na vida*”: a condição feminina em sociedades opressoras no ano de 2007.

Rosicler Santos – Coordenadora do Grupo de Estudos “*Mania de ter fé na vida*”: a condição feminina em sociedades opressoras no ano de 2007.

Cássio Eduardo Zen – Editor Discente da Revista Brasileira de Direito Internacional.

³ NAFISI, Azar. *Lendo Lolita em Teerã*. 2004, p.176.